

A economia do petróleo



Crises financeiras internacionais abalam projeções de demanda de óleo e gás, mas expectativas de recuperação e crescimento dos países do Brics encorajam investimentos em produção e em novas técnicas de exploração

O Brasil vem crescendo embalado na promessa do desenvolvimento econômico e, de fato, os últimos anos foram permeados por números positivos quando comparados ao desempenho de muitos países do resto do mundo. Em 2008, por exemplo, quando o mundo enfrentou uma severa crise financeira internacional, com epicentro nos Estados Unidos, diversas multinacionais, especialmente do setor elétrico, apresentaram dados de faturamento no Brasil que, se não salvaram, ao menos ajudaram a equilibrar os números mundiais. Isso porque o país vinha impulsionado por um progresso econômico que acabou sofrendo menos os impactos da crise.

Mas o país não saiu ileso e as projeções de crescimento passaram a ser mais pessimistas. Uma nova crise internacional que começou em 2011 na Europa, marcada pelo endividamento público elevado, principalmente de países como Grécia, Portugal, Espanha e Itália, trouxeram novas preocupações para o mundo. Entre as consequências dessa conjuntura estão fuga de capitais de investidores, escassez de crédito, aumento do desemprego, diminuição das notas dadas por agências de risco e contaminação da crise para outros países, inclusive o Brasil.

Recentemente, a presidente Dilma Rousseff afirmou que o Brasil não era uma ilha e que também sofreu respingos. “Todos os países do Brics [Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul] vêm sendo afetados. A gente vê eles sendo afetados pela crise: redução do crescimento da China impactou no Brasil, impactou na Índia, impactou na África do Sul. Não há um país que possa passar por uma crise dessa sem sofrer alguma consequência”, admitiu.

Para sair da crise, no entanto, a indústria da energia parece ser uma boa investida. Apesar de também passar por momentos de incertezas – com expectativa de demanda comprometida, conflitos políticos e alta de preços – o setor de óleo e gás é um dos que mais exibe boa forma, especialmente com a descoberta do pré-sal e com o desenvolvimento de novas tecnologias de exploração. Na opinião do pesquisador do Grupo de Economia da Energia do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Luciano Losekann, a indústria do petróleo terá um grande impacto na dinâmica da indústria brasileira. “Uma conta simples: se a Petrobras planeja investir R\$ 90 bilhões ao ano, isso representa cerca de 10% do investimento total da economia brasileira. O desafio é explorar ao máximo os encadeamentos da indústria de petróleo com fornecedores locais”, avalia. Segundo ele, o impacto mais significativo deve ocorrer em longo prazo, quando a produção experimentar maior crescimento com as reservas do pré-sal, a partir de 2017.

O presidente do BNDES, Luciano Coutinho, também citou a indústria do petróleo e gás como uma das principais capacidades brasileiras a serem aproveitadas no sentido de se construir uma indústria mais robusta e dinâmica. E esforços vêm sendo feitos nesse sentido, já que, mesmo em momento de crise e tendo em vista as discussões em torno das energias renováveis, os investimentos não param. No Brasil, diversas empresas vêm investindo na implantação de refinarias e plantas de perfuração. É o caso, por exemplo, da divisão de petróleo e gás da GE, que anunciou no último mês de junho a conclusão das obras de ampliação de sua unidade em Macaé (RJ) com o objetivo de atender às crescentes necessidades do mercado de petróleo na América Latina. No total, foram investidos US\$ 32 milhões, triplicando o tamanho das instalações.

Um estudo divulgado também no mês de junho pela KPMG registrou oito operações de fusões e aquisições envolvendo empresas de petróleo e gás, nos cinco primeiros meses deste ano. A expectativa da consultoria é que o número de negócios chegue a 30 até o final do ano, o que mostra que o mercado continua aquecido. O pré-sal carrega a grande expectativa de crescimento das reservas no mundo e o Brasil é uma das maiores apostas neste segmento, sendo, portanto, um importante atrativo para novos investidores.

De acordo ainda com a KPMG, os números poderiam ser maiores, mas a crise na Europa e nos Estados Unidos é um fator inibidor neste momento, considerando que empresas estrangeiras possuem menos acesso a financiamentos para fazer aquisições ou fusões.

A situação financeira internacional também vem deixando suas marcas no preço do petróleo, que caiu, em média, 20% nos últimos três meses como consequência da redução da demanda mundial.

Entretanto, o pesquisador Losekann diz que há um consenso entre analistas de que há um novo patamar de preços para o petróleo e este é um dos fatores que mais estimulam os investimentos nessa área. “Ainda que possa experimentar oscilações, o preço não voltará a ser USD 50/ barril. Hoje se considera um piso de pelo menos USD 70/ barril. Isso ocorre porque a expansão da oferta ocorre com custos mais elevados”, analisa.

Já o preço internacional do gás natural experimenta dinâmicas distintas. Nos Estados Unidos, a produção de shale gas (veja mais sobre isso a seguir) derrubou o preço. “Assim, mesmo com a maior utilização para termelétricas, a trajetória é de queda. Na Ásia, o desligamento das nucleares no Japão implicou disparada dos preços do gás. Esse processo também teve impacto na Europa, que é um mercado alternativo para produtores de GNL”, explica Losekann.

Demanda

O último relatório da Agência Internacional de Energia (AIE) manteve quase inalterada a previsão de procura por petróleo para 2012. A agência espera que a demanda em 2012 atinja os 89.900 milhões de barris diários, um pouco abaixo de 15.000 barris por dia com relação à sua última estimativa. E, apesar da crise, prevê uma discreta aceleração do crescimento da procura em 2013, de 90.900 milhões de barris por dia.

A previsão foi influenciada pela revisão para baixo das estimativas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) mundial, que reduziu de 4,1% para 3,3% em 2012. A agência destaca que a previsão de aumento da demanda por petróleo para 2013 é maior do que foram as projeções para 2011 e 2012, mas continuam "bem abaixo da tendência pré-crise".

Na contramão do que divulgou a Agência Internacional de Energia, os estudos mais recentes da Organização de Países Exportadores de Petróleo (Opep) foram menos otimistas e previram um aumento de 800 mil barris diários no consumo de óleo cru para 2013, cerca de 100 mil a menos em comparação ao crescimento estimado para 2012. Estimaram uma demanda em torno de 89,5 milhões de barris por dia e apontaram a crise da Europa e o baixo ritmo de recuperação dos Estados Unidos como as principais razões para a análise cautelosa.

O crescimento da população é um, dentre outros fatores, que contribui para o aumento do consumo. De acordo com o relatório anual de 2011 da Agência Internacional de Energia "World Energy Outlook", os países não membros da OCDE são

responsáveis por 90% do crescimento da população, 70% do aumento da produção econômica e 90% do incremento da procura por energia, entre 2010 e 2035. A China reforça ainda mais a sua posição de principal consumidor mundial de energia: em 2035, consome praticamente 70% de energia a mais do que os Estados Unidos, segundo consumidor mundial. "As taxas de crescimento do consumo de energia na Índia, na Indonésia, no Brasil e no Médio Oriente aumentam a um ritmo ainda mais rápido do que a China", diz o documento.

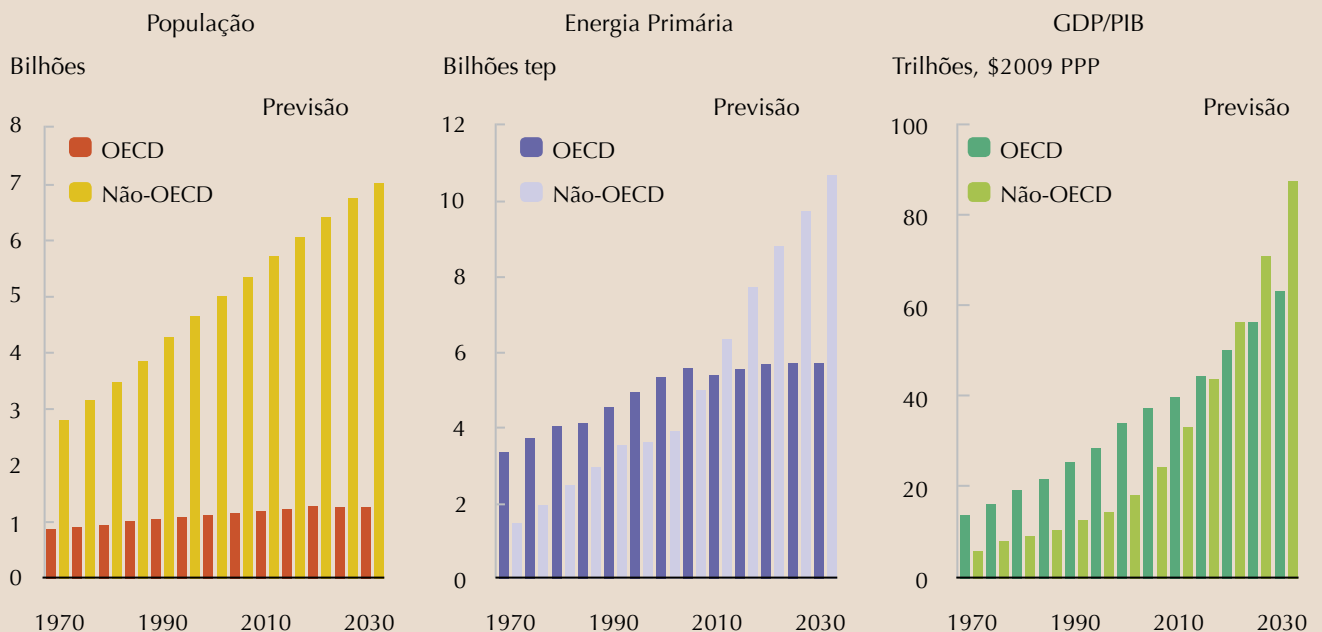
Segundo o Plano Decenal de Energia (PDE 2020), elaborado pela Empresa de Pesquisa Energética, subordinada ao Ministério de Minas e Energia (MME), a previsão é um crescimento da população brasileira entre 0,6% e 0,8% ao ano, até o ano de 2020.

Nesse sentido, o Brasil será uma peça importante na economia mundial e o setor energético deverá preparar-se para não somente fazer parte deste desenvolvimento, mas também para abastecer o mercado interno, que consumirá mais, considerando, inclusive, o aumento do consumo das classes C, D e E. Veja as previsões para crescimento econômico, da população e da demanda energética para os países desenvolvidos (OECD) e em desenvolvimento (não OECD).

A demanda por gás natural também deve aumentar nos próximos anos. A previsão da União Internacional do Gás (IGU, sigla em inglês) é que a procura aumente 1,4% até o ano de 2030, estimulada pelas vantagens ambientais do gás e pelos custos elevados de outras fontes energéticas, como petróleo e carvão.

O advogado especialista em petróleo e gás, Claudio

PREVISÕES PARA ECONOMIA, POPULAÇÃO E DEMANDA ENERGÉTICA DOS PAÍSES OECD E NÃO OECD



Fonte: IBP

Pinho, conta que alguns acontecimentos vêm modificando o curso da história do consumo e, conseqüentemente, dos investimentos em energia para os próximos 20, 30 anos. Segundo ele, a participação das fontes não renováveis, como carvão, petróleo e gás, que era de 86% da matriz energética mundial, deve cair para 64% até 2030, com exceção do gás que, ao contrário das outras fontes, deve aumentar sua participação na matriz, passando de 24% para 42%, conforme as projeções da Agência Internacional de Energia.

Isso se deve em parte às novas descobertas e técnicas de exploração de gás e também por ser considerada uma fonte limpa. “Uma variável importante é a emissão de carbono. A queima de biomassa é menos poluente do que a queima de gasolina, mas ainda assim emite carbono. Já o gás natural é uma energia mais limpa e pode ser usado tanto na geração quanto como um insumo”, avalia Pinho. Segundo ele, aos poucos, vamos evoluir para as renováveis, não pela falta de petróleo ou de gás, mas porque a palavra de ordem de hoje é “sustentabilidade”, que deve conduzir a humanidade pelas próximas décadas.

A análise de Pinho é sustentada pela avaliação traçada pelo documento “Perspectivas em tecnologias energéticas 2012”, da Agência Internacional de Energia, segundo o qual “à medida que os objetivos de emissões [de carbono] se restringirem, a participação do gás natural aumentará; inicialmente, em particular, nas centrais de produção de eletricidade para atender à base da procura, deslocando simultaneamente o carvão (em numerosas regiões) e certo crescimento do setor nuclear (em áreas mais restritas). Após 2030, à medida que as reduções de CO2 aumentam, a geração de gás assume progressivamente um maior papel de contribuição para a flexibilidade necessária

A demanda proveniente dos países em desenvolvimento e, em especial, do Brics, e aspolêmicas envolvendo a segurança das usinas nucleares – base da infraestrutura da energia de muitos países, como China e Japão – contribuirão para o aumento da procura por gás natural, que continuará a ser um importante combustível em todos os setores até o ano de 2050, quando a procura permanece, em termos absolutos, 10% acima do nível de 2009, segundo a AIE. Para a Organização Nacional da Indústria do Petróleo, o uso do gás natural apresentará forte crescimento como fonte de geração elétrica e o carvão será a principal fonte a ser substituída devido ao seu elevado impacto ambiental.

Produção brasileira

A descoberta de petróleo e gás na região do pré-sal e a expansão do parque nacional de refino evidenciam que o Brasil terá um papel mais relevante no mercado mundial

de petróleo, atuando como importante produtor, não só de petróleo, como também de derivados.

Somam-se a isso as projeções do Plano Decenal de Expansão de Energia (PDE 2020) que, estimando que a economia cresça a uma média de 5% ao ano entre 2010 e 2020, prevê investimentos de R\$ 1.080 bilhões (R\$ 1,08 trilhão) na expansão energética, sendo 63% na área de petróleo e gás, 22% na área de energia elétrica e 15% na área de bioenergia.

A economia brasileira é bem diversificada, mas, sem dúvida, óleo e gás é um dos setores de maior propulsão para a economia brasileira. De acordo com o sócio da KPMG, Manuel Fernandes, especialista da área de petróleo e gás, este setor deve apresentar bons resultados para a economia do país por conta, principalmente, de toda a riqueza que dispõe no subsolo.

Segundo ele, petróleo é matéria-prima para gasolina e outros derivados, que são consumidos principalmente pelos países desenvolvidos e pelos países do Brics, que tendem a aumentar a procura por óleo e gás. “A demanda vai continuar crescendo, mesmo com a retração dos países que vivem a crise”, afirma Fernandes.

Em verdade, o Brasil, por ter uma matriz bem diversificada, tem campo para se investir em todas as áreas. “Sob o aspecto geopolítico, o Brasil tem um papel muito importante. Acabamos de inaugurar um gasoduto [Caraguatatuba], ou seja, já contamos com uma infraestrutura mesmo sem o pré-sal totalmente estabelecido. Pode ser que o Brasil seja um player na área de exportação, temos mercado para isso”, avalia Claudio Pinho.

Mas algumas dificuldades burocráticas precisam ser superadas pelo Brasil. Para o sócio da KPMG e especialista em petróleo e gás, Manuel Fernandes, embora existam vários projetos em andamento que se referem à modernização de refinarias já existentes e à construção de novas, muitos deles ainda estão no papel e a sua conclusão não virá em curto prazo. “É claro que a energia no Brasil vai ser um grande impulsionador, mas temos um problema grande de infraestrutura. A gente cresce pouco porque se crescermos a 10%, não teremos energia suficiente para atender à demanda”, acrescenta Pinho.

Fernandes aponta outro entrave para o País. “O pré-sal é a grande aposta do Brasil e há altos investimentos em tecnologia de exploração, mas a cadeia de fornecedores também precisa estar capacitada, o que não é tão simples”, diz. O especialista critica a política de conteúdo local do setor, que estipula que as companhias de óleo e gás obedeçam a percentuais mínimos de contratação local entre 60%-65% para bens e 80% para serviços. Analistas do setor afirmam

Segmentos	Investimentos (US\$ bilhões)	%
Exploração & Produção (E&P)	141,8	60
Refino, transporte e comercialização (RTC)	65,5	27,7
Gás & Energia	13,8	5,8
Petroquímica	5,0	2,1
Distribuição	3,6	1,5
Biocombustíveis	3,8	1,6
Corporativo	3,0	1,3
Total	236,5	100

Fonte: Petrobras

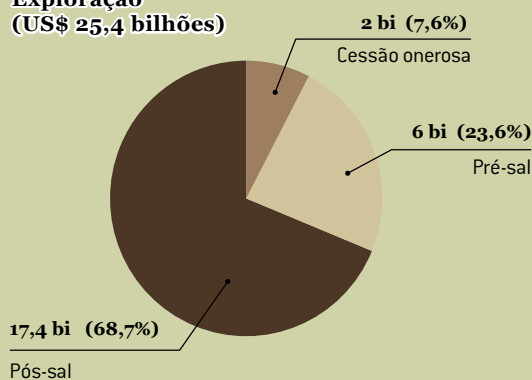
que a medida pode ser um fator de comodidade para os fornecedores brasileiros e pode funcionar como uma falsa justificativa para se encarecer os produtos e serviços locais.

A indústria de equipamentos e de serviços deve se preparar para atender a um setor que não considera, em um futuro próximo, qualquer possibilidade de enfraquecimento. Somente a Petrobras tem produção de petróleo e gás estimada em aproximadamente cinco milhões de barris de petróleo por dia (bopd) em 2020. A OGX, com atuação relativamente recente no cenário brasileiro, considera uma produção de 1,4 milhão bopd, já em 2019. Além das demais empresas de petróleo menores, que atuam no Brasil, a HRT estima uma produção de 50 mil bopd em 2015, e muito mais em 2020.

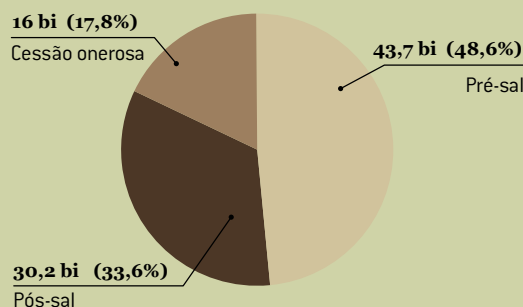
Para se ter uma ideia, a Petrobras anunciou no mês de junho o seu Plano de Negócios 2012-2016, com investimentos totalizando US\$ 236,5 bilhões (R\$ 416,5 bilhões), uma média de US\$ 47,3 bilhões por ano. Veja a distribuição dos aportes:

O segmento de Exploração e Produção (E&P) no Brasil investirá US\$ 131,6 bilhões, sendo 69% (US\$ 89,9 bilhões) no desenvolvimento da produção, 19% (US\$ 25,4 bilhões) para exploração e 12% em infraestrutura. Os investimentos no pré-sal correspondem a 51% do valor total do E&P.

Exploração (US\$ 25,4 bilhões)



Desenvolvimento da produção (US\$ 89,9 bilhões)



A meta da produção de óleo, LGN (líquido de gás natural) e gás natural, no Brasil e no exterior, para 2016 é de 3,3 milhões de barris de óleo equivalente por dia (boe/dia), sendo 3,0 milhões boe/dia no Brasil.

A expectativa da Petrobras é de alcançar a produção de 2,5 milhões de barris por dia (bpd) de óleo e LGN em 2016. O maior crescimento da produção é esperado ocorrer a partir de 2014, com expectativa de crescimento entre 5% e 6% ao ano para o período 2014-2016. Para os anos de 2012 e 2013, a previsão é de manutenção da produção em linha com o nível de 2011, de cerca de 2%.

No período 2012 a 2015, de acordo com o planejamento da Petrobras, 12 novas unidades de produção (UEPs) já em construção entram em operação, representando um acréscimo de 1,2 milhão de bpd de capacidade para a Petrobras. Já no período 2016-2018, sete novos sistemas por ano agregam mais 2,3 milhões bpd de capacidade para a companhia.

A nova curva de produção está baseada na revisão da eficiência operacional dos sistemas em operação na Bacia de Campos e no cronograma de entrada de novas unidades ao longo desse período. O programa de aumento da eficiência operacional da Bacia de Campos e uma contribuição maior para a produção estão previstos para ocorrer a partir de 2016, com a entrada de diversas novas unidades no pré-sal da Bacia

de Santos e na área da cessão onerosa.

A título de esclarecimento, a Lei nº 12.276, de junho de 2010, autorizou a União a ceder onerosamente à Petrobras o exercício das atividades de pesquisa e lavra de petróleo, de gás natural e de outros hidrocarbonetos fluidos em áreas não concedidas localizadas no pré-sal, não podendo a produção exceder os cinco bilhões de barris equivalentes de petróleo. O contrato de cessão onerosa relacionou seis áreas definitivas (Florim, Franco, Sul de Guará, Entorno de Iara, Sul de Tupi, Nordeste de Tupi) e uma contingente (Peroba), bem como estabeleceu o valor inicial do barril de petróleo equivalente em US\$ 8,51. Pelo direito de explorar e produzir petróleo e gás natural nessas áreas, a Petrobras pagou à União R\$ 74,8 bilhões.

Gás não convencional

Os avanços tecnológicos permitiram a extração de um tipo de gás, não convencional, formado em argilas betuminosas. Extraído do xisto, o shale gas (do inglês, gás do xisto) é encontrado em grandes profundidades e a única forma de exploração é por meio de perfuração horizontal. A técnica consiste na "estimulação do reservatório por meio da injeção de água a grande pressão, químicos e areia para criar porosidade e impermeabilidade artificialmente".

Entre as vantagens do shale gas, vale a pena destacar que se trata de um recurso mais barato e menos poluente, embora especialistas levantem questões quanto às consequências para o meio ambiente, especificamente no tocante à contaminação das reservas de água potável existentes nos lençóis freáticos.

De acordo com um estudo feito pelo Instituto de Energia da KPMG, o aumento da produção do shale gas, nos próximos anos, pode mudar o mercado de energia no mundo e torná-lo a principal fonte de energia renovável. O levantamento coloca o Brasil, num futuro próximo, no segundo lugar como o maior produtor do insumo depois dos Estados Unidos.

O pesquisador Luciano Losekann concorda com o estudo e diz que a grande novidade dos Estados Unidos foi o incremento da produção de gás natural, a partir do gás de xisto. "Os Estados Unidos alcançaram o seu pico de produção de óleo na década de 1970 e a perspectiva era que o país se tornasse mais e mais dependente de importações. Com o shale gas, o país pode se tornar exportador de gás natural", prevê.

O especialista Claudio Pinho acrescenta: "Os Estados Unidos estão direcionando sua retomada econômica baseada na indústria da energia, especialmente no shale gas, e deve voltar a exercer seu papel de player hegemônico".

O levantamento da KPMG identifica detalhadamente as condições atuais e as perspectivas para a produção do shale gas no Brasil, Estados Unidos, Canadá, Argentina, Austrália, China e alguns países da Europa Oriental e Ocidental. Em

relação ao Brasil, o levantamento afirma que o país tem potencial para ser o segundo maior produtor depois dos Estados Unidos, mas destaca que tem havido pouco interesse e falta de investimento na exploração do recurso. Segundo a AIE, o Brasil aparece em 10º lugar entre os países produtores de shale gas no mundo com reservas estimadas em 226 trilhões de metros cúbicos. Depois dele, aparecem apenas a Polônia e a França. Nas três primeiras posições estão a China (1.275 trilhões de metros cúbicos), os Estados Unidos (8.620) e a Argentina (774). Segundo as previsões do Energy Information Administration (EIA) norte-americano, a produção de shale gas nos Estados Unidos deve quadruplicar entre 2009 e 2035.

A demanda por essa fonte de energia será impulsionada, segundo a pesquisa, por dois fatores: o aumento da população mundial e o crescimento da demanda de energia que, em 2030, será 40% maior, de acordo com dados divulgados pela Agência Internacional de Energia (AIE).

"O shale gas está tornando o mercado mundial de energia mais competitivo e ampliando presença em vários países, uma vez que novas tecnologias para a extração estão sendo desenvolvidas. A produção poderá transformar países que tradicionalmente importam gás em produtores", analisou Manuel Fernandes, da KPMG.

De acordo com o estudo, apenas cinco fatores poderiam colocar em risco a viabilidade da produção do shale gas:

1. O aumento do preço do gás natural na América do Norte ainda não foi definido. Atualmente, o fornecimento excede a procura.
2. Ainda não se sabe como o desenvolvimento do shale gas irá impactar o investimento em fontes de energia renovável e quanto a regulamentação ambiental das atividades relacionadas à produção deste insumo vai atrair de investimento.
3. Com a incerteza de preços, o gerenciamento de custos e riscos de financiamento são as principais prioridades para a indústria.
4. O nível de desenvolvimento futuro do gás dependerá da capacidade da indústria para controlar a de reputação e gerenciar a opinião pública, minimizando o impacto ambiental.
5. A influência dos fatores políticos em função da mudança na oferta e na demanda de energia mundial causada pela entrada do shale gas no mercado.

REFERÊNCIAS

- Artigo "Os rumos da energia no Brasil, no contexto das tendências nos países em desenvolvimento e na OECD", dos professores Cleveland Jones, Hernani Chaves, José Otávio da Silva e José Diamantino Dourado
- Plano Decenal de Energia (PDE 2020), da Empresa de Pesquisa Energética (EPE)
- Plano de Negócios 2012-2016, em www.petrobras.com.br
- Estudo "Shale gas – a global perspective", do Instituto de Energia da KPMG Global